

EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO
12.º Ano de Escolaridade (Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto)
Cursos Gerais – Agrupamentos 3 e 4

Duração da prova: 120 minutos
2005

1.ª FASE

PROVA ESCRITA DE FILOSOFIA

1. CRITÉRIOS GERAIS DE CLASSIFICAÇÃO

- A indicação do número de palavras a utilizar em cada resposta tem carácter meramente orientador do grau de desenvolvimento pretendido, pelo que não se propõe qualquer penalização pelo incumprimento dessa indicação.
- Como os tópicos de conteúdo relativos a cada item não podem ser exaustivos, serão de aceitar respostas que, revelando conhecimento efectivo da obra em causa, foquem aspectos não previstos mas permitam, igualmente, corresponder ao solicitado.
- Quando, numa resposta, tiver sido atribuída a classificação de zero pontos a todas as competências de compreensão, de aplicação, de análise e de avaliação, as competências formais devem ser classificadas com zero pontos.

No GRUPO I:

- A resposta a itens relativos a obras diferentes implica que só seja considerada para efeitos de classificação a resposta ao item 2.
- No item 2, a mera transcrição de frases do texto implica a classificação de zero pontos.

No GRUPO II:

- Se o examinando não identificar a obra e se o seu texto não tornar claro a que obra se está a referir, a resposta será classificada com zero pontos.
- A opção por mais do que um tema implica que seja classificada apenas a primeira resposta.

2. CRITÉRIOS ESPECÍFICOS DE CLASSIFICAÇÃO

GRUPO I

Item 1	A – Relação entre os conceitos no contexto da obra OU B – Justificação de teses no contexto da obra		Cotação
	A	B	
Competências de compreensão, de aplicação e de análise	1. Explicação do significado de cada conceito no contexto da relação	1. Explicação do significado da tese	10 pontos
	2. Caracterização do tipo de relação entre os conceitos (convergência / oposição, interdependência, hierarquia)	2. Exposição de um argumento da obra para fundamentar a tese	10 pontos
	3. Explicação do significado da relação entre os conceitos no contexto da obra	3. Explicação do significado da tese no contexto da obra	10 pontos
Competências formais	4. Organização do discurso (ordem, coerência)		06 pontos
	5. Expressão escrita (sintaxe, ortografia)		04 pontos

Total do Item 1 40 pontos

Item 1 – Tópicos de conteúdo

PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA, Descartes

- O pensamento inclui todas as operações conscientes do entendimento, da vontade, da imaginação e da sensação.
- A certeza é um critério de verdade que consiste em dar por verdadeiro aquilo que é pensado de modo evidente, isto é, clara e distintamente.
- O pensamento «é conhecido antes e mais certamente do que qualquer coisa corpórea», sendo o *cogito* a primeira certeza inquestionável que serve de fundamento ao edifício da ciência.
- Todas as outras certezas podem ser alcançadas pelo espírito, quando este pensa com ordem, isto é, de acordo com as regras do método.

CARTA SOBRE A TOLERÂNCIA, Locke

- As leis religiosas são relativas ao dogma e ao culto, sendo criadas pelos membros das igrejas para as regular enquanto sociedades livres e voluntárias.
- A lei eclesiástica exclui qualquer tipo de sanção, porque a salvação da alma apenas diz respeito ao indivíduo e porque as igrejas não têm poder de coagir, nem de privar os homens dos seus bens civis. As únicas penas que uma igreja pode aplicar são as exortações, as admoestações, os conselhos ou a expulsão do seio da comunidade religiosa.
- A defesa da liberdade eclesiástica e da tolerância religiosa resulta da separação entre fé e política. A igreja é independente do poder temporal e o Estado é independente do poder religioso.

DISCURSO DE METAFÍSICA, Leibniz

- O espírito, enquanto alma inteligente ou racional, é a forma substancial do homem, que possui consciência de si próprio e entendimento para conhecer as verdades necessárias e universais. Tem uma dimensão moral e pessoal.
- A alma, como forma substancial do animal, não tem consciência de si própria, não tem um entendimento que lhe permita descobrir verdades necessárias e universais. E, devido à ausência de capacidade de auto-reflexão, não tem qualidade moral.
- A relação entre a alma e o espírito é de hierarquia, já que ocupam diferentes posições na escala da perfeição dos seres: Deus prefere os espíritos às outras criaturas, pois os espíritos são mais perfeitos e exprimem mais Deus do que o mundo, enquanto as restantes substâncias – entre as quais a alma – exprimem mais o mundo do que Deus.
- Deus é espírito e possui simultaneamente todas as perfeições e cada uma delas «no mais soberano grau»: ele é a causa de toda a perfeição que existe no universo.

FUNDAMENTAÇÃO DA METAFÍSICA DOS COSTUMES, Kant

- Bom é aquilo que determina objectivamente a vontade, por meio da razão.
- Agradável é aquilo que determina subjectivamente a vontade, por meio da sensibilidade.
- Bom e agradável são conceitos divergentes, pois enquanto o bom qualifica uma acção «objectivamente necessária por si», isto é, por dever, o agradável resulta do interesse pelo objecto da acção, «em vista de qualquer intenção *possível* ou *real*».
- O que é moralmente bom é relativo a uma vontade autónoma, que procura a lei prática universal da sua acção e cujo querer coincide com a lei, enquanto o agradável condiciona a vontade heterónoma, contingentemente determinada.

INTRODUÇÃO ÀS LIÇÕES SOBRE HISTÓRIA DA FILOSOFIA, Hegel

- A verdade é um universal que é em si mesmo o particular, o determinado; a opinião é representação subjectiva, fantasia, convicção individual.
- A opinião não é objecto da filosofia, pois «não há nenhuma opinião filosófica».
- O objecto da filosofia é a verdade; «a filosofia é a ciência objectiva da verdade»; filosofar é conhecer por conceitos, não é opinar nem deduzir uma opinião de outra.
- Estudar filosofia é tentar descobrir o universal no diverso e no particular, é procurar a verdade eterna de que cada filosofia é uma manifestação.

TENDÊNCIAS GERAIS DA FILOSOFIA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX, Antero de Quental

- Toda a realidade é um sistema de forças e a força é causa e substância do mundo das aparências.
- Existem dois tipos de forças: para a ciência, existem forças abstractas, cegas e passivas, que são imperfeitas; para a especulação, existem forças concretas, racionais e espontâneas, que são perfeitas.
- As forças imperfeitas explicam-se através das forças perfeitas, porque a forma superior do ser é que permite compreender a inferior. O dinamismo psíquico é a chave do dinamismo mecânico.
- O espírito «é a força por excelência, a força tipo», na medida em que é força autónoma, autoconsciente, autodeterminada, que submete todos os factos objectivos às suas próprias leis e que «existe em si e em si encontra a sua plenitude».

O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA, Nietzsche

- A música permite a consolação e a redenção metafísicas, quando, associada ao mito e aos heróis trágicos, nos salva da dor primordial, exprime a vontade universal e conduz à libertação da subjectividade e da individuação.

- A arte trágica nasceu do espírito da música. Apesar da união dos espíritos dionísíaco e apolíneo na tragédia, por intermédio da música, o primeiro ganha preponderância, conduzindo ao sublime.
- A música, ao contrário da palavra e da imagem, obriga-nos «a ver mais e mais intimamente do que é habitual». «A música é a verdadeira ideia do mundo, o drama apenas um reflexo dessa ideia».

DA CERTEZA, Wittgenstein

- Toda a dúvida pressupõe a certeza: o comportamento de dúvida pressupõe o comportamento de não-dúvida, pois a dúvida baseia-se naquilo que não é posto em dúvida.
- A evidência de uma proposição reside no facto de não admitir a possibilidade contrária. Uma evidência é segura, porque nos dá uma orientação que nos permite agir sem qualquer dúvida.
- Há dúvidas das quais nada resulta e que nada permitem explicar: não é lícito duvidar das proposições que são corroboradas por todas as coisas e em relação às quais nada obsta, isto é, não é lícito duvidar das evidências.
- Se é verdade que nem tudo pode ser posto em dúvida, também é verdade que nem tudo constitui evidência; por vezes, temos de «contentar-nos com suposições».

ELOGIO DA FILOSOFIA, Merleau-Ponty

- O filósofo deve recusar a defesa académica da «filosofia dos livros» e «dos grandes sistemas escritos», desarraigados da contingência da história e da existência, que não as interpelam e que fomentam a linearidade interpretativa.
- A filosofia rejeita quer o saber absoluto imobilizado como ponto de partida, quer a escolha do «homem sério», que se compromete no mundo pela acção e pela eleição de uma verdade unilateral.
- A «verdade integral» descobre-se por meio da interioridade e da intersubjectividade, numa permanente dinâmica entre saber e ignorância.

OS PROBLEMAS DA FILOSOFIA, Russell

- Os dados-dos-sentidos são conhecidos «imediatamente pela sensação» e são privados, não têm existência independente de nós. Os objectos físicos são reais, formam a matéria e têm uma existência não-mental.
- Os dados-dos-sentidos são causados pelos objectos físicos, são sinais do modo como estes nos aparecem; no entanto, são mera aparência, pois os objectos físicos não são captados na sua natureza intrínseca.
- Temos conhecimento «de trato» dos dados-dos-sentidos e conhecemos «por descrição» os objectos físicos. Os dois são formas de conhecimento das coisas, mas o grau de certeza do conhecimento de trato é superior ao do conhecimento por descrição, sendo este redutível àquele.
- A existência dos dados-dos-sentidos é indubitável, mas não a dos objectos físicos. O conhecimento por descrição deverá ser redutível ao conhecimento de trato.

PROBLEMÁTICA DA SAUDADE & ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA CONSCIÊNCIA SAUDOSA, Joaquim de Carvalho

- A consciência saudosa não evoca necessariamente os factos ou as realidades empíricas efectivamente vividas, mas, sim, o modo pessoal e sentimental como afectaram o sujeito; a consciência saudosa implica *ter vivido*, refere-se ao tempo emotivamente vivido e resulta do contraste entre realidade presente e realidade passada.
- A constatação da ausência de determinadas qualidades na realidade presente leva a consciência saudosa a evocar e desejar objectos do passado, os quais possuem a dimensão afectiva de que sente falta.
- A saudade corresponde a um sentimento de perda ou privação presente, por oposição à representação das qualidades e propriedades do passado, pelo que a sua temporalidade é essencialmente *retrotensa* e não *protensa*, embora não exclua o futuro.

SOBRE A ESSÊNCIA DA VERDADE, Heidegger

- O ente está oculto, daí a necessidade do seu desvelamento; a desocultação do ente é a verdade por meio da qual acontece a abertura do ser, mas esta desocultação dá-se apenas através dos entes particulares.
- A história é o tempo da desocultação, do desvelamento inicial do ente no seu todo. A história começa a partir do momento em que o homem ek-sistente coloca a pergunta pelo ente enquanto tal.
- Ao longo da história, a essência da verdade passou por diversas metamorfoses: a história é o reflexo das mutações na compreensão do sentido do ser e da relação do ser com o homem.
- A liberdade como deixar-ser revela-se e concretiza-se no homem histórico.

TEORIA DA INTERPRETAÇÃO, Ricœur

- O evento da linguagem é a actualização transitória do discurso nos actos de fala, face ao sistema virtual e estável da língua.
- A significação é o sentido da mensagem, o discurso compreendido; possui uma dimensão objectiva que fixa o conteúdo proposicional. A «significação é noética e noemática», remete para a intenção do falante e para o que a frase enuncia.
- Evento e significação formam uma dialéctica que permite explicar a comunicação, pois o discurso tem um significado público que permite a intersubjectividade do diálogo e que remete para a realidade extralinguística.
- Pela significação, o evento é superado: se o evento permite a actualização do discurso, só a significação permite a sua compreensão e a comunicação.

Item 2	Análise do excerto e fundamentação da análise no contexto da obra	Cotação
Competências de compreensão, de aplicação e de análise	1. Exposição dos elementos do excerto que permitem responder ao item formulado (conceitos, teses, argumentos)	10 pontos
	2. Explicação da relação dos elementos do excerto com o item formulado	15 pontos
	3. Selecção dos elementos da obra para fundamentar a análise (conceitos, teses, argumentos)	15 pontos
	4. Autonomia na elaboração da resposta (não se limita a reproduzir conhecimentos genéricos, revela reflexão sobre os conteúdos)	07 pontos
	5. Utilização do vocabulário específico da obra	06 pontos
Competências formais	6. Organização do discurso (ordem, coerência)	10 pontos
	7. Expressão escrita (sintaxe, ortografia)	07 pontos

Total do Item 2 70 pontos

Item 2 – Tópicos de conteúdo

PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA, Descartes

- A existência de Deus, a sua bondade e a sua perfeição permitem provar a existência do mundo. Deus é a garantia de que tudo aquilo que percebemos de modo claro e distinto é verdadeiro.
- Deus «é sumamente veraz e o dador de toda a luz» da mente, pelo que é inconcebível que seja um deus enganador, que tenha dotado o homem de uma natureza tal que o tornasse incapaz de distinguir o verdadeiro do falso.
- Os erros decorrem dos sentidos enganadores, dos preconceitos adquiridos na infância, da fadiga e da própria linguagem.
- No entanto, o seu fundamento reside na inconformidade entre a infinitude da vontade e a finitude do entendimento.
- A vontade conduz o homem a dar assentimento a juízos precipitados e não totalmente indubitáveis.
- A decisão de pensar bem ou mal é equiparável às decisões morais. Os erros são devidos à conduta e não à natureza humana.
- O erro comprova a necessidade de um método que permita distinguir com toda a evidência o verdadeiro do falso e que permita estabelecer os fundamentos do edifício da ciência.

CARTA SOBRE A TOLERÂNCIA, Locke

- Os deveres de tolerância do magistrado fundam-se no facto de o seu poder ser exclusivamente relativo aos bens civis e assentar na coacção, enquanto as questões de fé dependem apenas da consciência e pressupõem a liberdade.
- O cuidado da alma compete a cada indivíduo: tal como Deus não salva quem não quer ser salvo, também o magistrado não deve obrigar os seus súbditos em questões de consciência, pois aqui a vontade individual é decisiva.

- Como há muitos caminhos para a salvação, não é um determinado culto que a assegura, mas apenas a fé, pelo que não é lícito que o magistrado imponha aos seus súbditos um determinado culto: o magistrado é um homem, logo o seu conhecimento do caminho para a salvação é idêntico aos dos outros homens.
- O príncipe, ou magistrado, deve ser tolerante, porque se não o for e se der aos outros homens maus conselhos quanto à vida futura, nunca os poderá indemnizar por danos morais e religiosos no caso de se enganar.

DISCURSO DE METAFÍSICA, Leibniz

- Existem duas vias para a compreensão da natureza: a via das causas eficientes e a via das causas finais. A via das causas eficientes consiste em explicar o universo como uma cadeia de relações de causa-efeito. A via das causas finais consiste em explicar o universo como criação de uma inteligência soberana, que age segundo o princípio do melhor.
- As explicações puramente mecanicistas dos fenómenos, que atribuem tudo à matéria ou ao acaso, não são satisfatórias, pois ignoram que Deus realiza sempre aquilo que, na ordem geral do universo, é o melhor e o mais perfeito, instituindo uma harmonia entre o reino da Natureza e o reino da Graça.
- Os fenómenos naturais devem ser explicados através da sua inserção numa ordem geral do universo, criada pela inteligência soberana.

FUNDAMENTAÇÃO DA METAFÍSICA DOS COSTUMES, Kant

- Fomentar a felicidade alheia por mera conformidade com a lei, por inclinação ou satisfação racional, é próprio da vontade heterónoma, que se rege por imperativos hipotéticos, ainda quando conformes à lei moral. A humanidade é tratada apenas como um meio, porque a vontade busca a sua lei no objecto do querer.
- Fomentar a felicidade respeitando toda a natureza racional como fim em si mesmo e nunca simplesmente como meio é próprio da vontade autónoma, que obedece ao imperativo categórico.
- A vontade autónoma, enquanto legisladora universal, age segundo a lei que se dá a si mesma e que reconhece inteiramente *a priori*, faz coincidir o querer com a própria lei e as suas acções não são condicionadas pelos interesses e móveis *a posteriori* da acção.
- A autonomia da vontade é o princípio supremo da moralidade. Uma vontade pura é aquela cujas acções não são meramente conformes à lei moral, mas que age por respeito à própria lei.

INTRODUÇÃO ÀS LIÇÕES SOBRE HISTÓRIA DA FILOSOFIA, Hegel

- «A filosofia é totalmente idêntica com o seu tempo» no que respeita ao conteúdo, e está acima dele no que respeita à forma; ao tomar o seu próprio tempo como objecto, a filosofia conhece o seu tempo e, simultaneamente, conhece-se a si própria.
- A filosofia surgiu num determinado momento de desenvolvimento da cultura e no seio de um povo, o grego, quando o espírito se libertou da vida concreta e da moralidade imediata e se concentrou em si mesmo.
- Toda a filosofia é uma fase particular no processo do desenvolvimento do espírito, no qual ocupa um lugar definido e onde encontra o seu valor e significado.
- Os diferentes elementos que compõem o espírito de um povo formam uma unidade, porque têm uma raiz comum – «o espírito do tempo». Ao atingir um determinado grau de desenvolvimento da sua autoconsciência, o espírito elabora e faz penetrar esse princípio em todas as suas determinações, entre as quais está a filosofia.
- O fim da história da filosofia é o conhecimento do espírito na sua realização e tomada de

consciência através da história; a filosofia é o espírito enquanto conhecimento conceptual do espírito absoluto. A filosofia faz a reconciliação com a realidade no mundo do pensamento.

TENDÊNCIAS GERAIS DA FILOSOFIA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX, Antero de Quental

- A indução é um processo de conhecimento pelo qual se parte dos factos para as ideias, ou proposições universais. Enquanto operação da ciência, não é «mais do que uma indicação geral» e deve ser complementada pelo espírito. Apenas o espírito dá significação aos factos.
- A interpretação da substância oculta do mundo só pode ser feita pelo espírito. A essência dos fenómenos explica-se pela essência do espírito, pois o noumeno «é o próprio espírito».
- O ponto de partida do conhecimento verdadeiro é o conhecimento do espírito: vai-se do conhecimento do espírito para o conhecimento dos fenómenos.
- Espiritualismo renovado e neokantismo definiram a alma como consciência e demonstraram que é impossível extrair a noção de espírito da noção de matéria; demonstraram também que a sensação pressupõe e envolve um estado mais íntimo e profundo do ser, que é o espírito. Por conseguinte, a indução é insuficiente para dar conta da verdade.
- O conhecimento absoluto é positivo e simultaneamente metafísico: compreende o dinamismo e compreende também a interpretação do mecanicismo pelo psiquismo.

O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA, Nietzsche

- O responsável pela morte, «por suicídio», da tragédia foi Eurípides, ao introduzir nela o elemento racionalista socrático. Este dá origem a uma forma degenerada de tragédia, onde estão ausentes todos os elementos dionisíacos.
- Eurípides «pensador», ao abraçar o socratismo estético, introduz uma série de alterações na tragédia, que a racionalizam, impedem a consolação metafísica, eliminando a tensão entre os elementos dionisíaco e apolíneo: introduz o prólogo, com vista à inteligibilidade da acção; os heróis passam a representar sentimentos naturalistas, como se os espectadores transitassem para o palco; o herói afirma-se pela mentalidade de escravo; o coro dos sátiros é reduzido a um papel acessório; a música passa a ser um mero acompanhamento da acção.
- A sobrevalorização da acção elimina o sentimento de absurdo e de compaixão, substitui o sublime pelo cómico. O optimismo teórico do herói dialéctico substitui o pessimismo prático do herói e da cosmovisão trágicos, rejeitando a vida como sofrimento, paradoxo e dinamismo. A comédia ática é uma tentativa de justificar e de conceptualizar a existência.
- Assim, a tragédia transforma-se numa «epopeia dramatizada», num fenómeno ético, em vez de estético, no qual o novo par de opostos é Dioniso/Sócrates.

DA CERTEZA, Wittgenstein

- A crença é uma convicção subjectiva que se insere num sistema – o sistema de crenças do sujeito. O saber não é convicção subjectiva, mas implica uma certeza que tem o seu fundamento não só na experiência individual, mas também na das outras pessoas.
- A crença basta-se a si própria, dispensa justificações. Pelo contrário, o saber depende de que exista algum facto que me dê razão, ou nenhum que actualmente me contradiga.
- A crença é anterior a todo o saber. O sistema de crenças, que não pode, enquanto tal, ser posto em dúvida, é condição de possibilidade do saber.
- O conjunto de crenças forma uma mundividência, ou imagem do mundo, adquirida por meio da aprendizagem e garante da segurança pessoal e social.
- Enquanto certeza, o saber não é expressão de estados mentais ou psicológicos; o sentido da proposição «Eu sei...» não depende apenas do sujeito, mas do contexto e do uso.

ELOGIO DA FILOSOFIA, Merleau-Ponty

- A ironia, pela sua distanciação crítica, é a atitude filosófica por excelência, pois impede a adesão a um sentido único e a uma interpretação absoluta da vida e do mundo, como única forma de descobrir a verdade integral, que se revela na nossa relação com os outros.
- O filósofo, porque recusa todos os absolutos da história e da política, deve ser um espectador desinteressado, o que implica radicalidade, distância face aos acontecimentos e às escolhas de uma leitura histórica única.
- O desinteresse filosófico implica a rejeição da escolha séria do homem de acção, a negação de uma atitude prática e comprometida da política. Não obsta ao interesse «pelos problemas do seu tempo», mas recusa tomar partido entre posições rivais, prefere «coxear» entre o conhecido e o desconhecido.

OS PROBLEMAS DA FILOSOFIA, Russell

- O mérito de Kant consiste em ter defendido que há conhecimentos *a priori* que não são analíticos e em ter distinguido a natureza dos objectos físicos da nossa própria natureza.
- Contudo, a atribuição de uma existência exclusivamente mental às formas *a priori* não explica o seu grau de certeza: qualquer alteração na nossa natureza poria em causa a universalidade e a necessidade do conhecimento.
- Kant também limita indevidamente o alcance das proposições *a priori*, pois o conhecimento *a priori* não é apenas «um conhecimento sobre a constituição do nosso espírito»: as leis da lógica e da aritmética não são exclusivamente do pensamento, mas, sobretudo, leis segundo as quais o mundo físico está estruturado.
- O conhecimento *a priori* refere-se «exclusivamente às relações de universais», embora estes não tenham natureza puramente mental.

PROBLEMÁTICA DA SAUDADE & ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA CONSCIÊNCIA SAUDOSA, Joaquim de Carvalho

- A saudade desperta um duplo movimento da consciência: ensimesmar-se – processo de observação interior da consciência, introspecção – e exsimesmar-se – processo de observação extrospectiva dos objectos ausentes, que o sujeito deseja tornar presentes, ou que ele evoca.
- A saudade tem como elemento constitutivo a relação afectiva entre o eu e as situações já vividas.
- A consciência saudosa é sempre consciência de alguma coisa – está orientada para o objecto –, tem uma dimensão evocativa, uma temporalidade específica e um significado metafísico.
- Contudo, os objectos da consciência saudosa têm valor real, dão origem a manifestações comportamentais visíveis, distintas das que manifestam a cólera, a mágoa e a alegria.
- A consciência saudosa resulta de uma descontinuidade entre a situação presente, considerada de valor afectivo inferior, e situações passadas que se deseja recuperar. A consciência saudosa não é teórica nem prática, é afectiva.
- Na consciência saudosa, a coisa de que há saudade é *esse in*; o desejo dessa realidade ausente é *esse ad*.

SOBRE A ESSÊNCIA DA VERDADE, Heidegger

- A liberdade tanto é deixar-ser o ente como não o deixar-ser: implica verdade e não-verdade, o que pressupõe que a possibilidade de errar não depende exclusivamente do homem, pois também o constitui.

- A reflexão sobre a essência da verdade exige a reflexão sobre a não-essência da verdade; nem uma nem outra se esgotam na correcção ou não-correcção dos enunciados ou na adequação do conceito racional à essência do real.
- Esta concepção opõe-se à tradicional, segundo a qual verdade e não-verdade se excluem mutuamente. A verdade era entendida como adequação do pensar ao ser e concordância entre a proposição e a realidade; em contraposição, a não-verdade era a ausência de adequação e de concordância.
- A verdade é desocultação do ente: no acto de desvelamento do ente, o homem histórico tanto pode deixar ser o ente como não o deixar ser tal como é, fazendo com que ele se oculte: o estar exposto ek-sistente ao ente no seu todo revela o ente particular e, simultaneamente, oculta o ente no seu todo.
- A verdade enquanto liberdade ek-sistente não é propriedade do homem; o homem só ek-siste como propriedade da liberdade e só assim é capaz de história, o que implica que a não-essência da verdade não é mera responsabilidade do homem.

TEORIA DA INTERPRETAÇÃO, Ricœur

- A abordagem unidimensional é estruturalista, valoriza apenas o sistema linguístico, marginaliza o problema do discurso, concebe o signo como única entidade básica da linguagem.
- A abordagem estruturalista da linguagem, segundo a qual o sentido do signo depende de um todo, é eminentemente sincrónica, ignorando a linguagem enquanto acto de fala e a sua dimensão referencial.
- A abordagem bidimensional da língua centra-se no discurso e baseia-se no pressuposto de uma descontinuidade entre o signo e a frase, pois a frase não é um mero somatório de signos. Deste modo, a linguagem é entendida como acto de fala e tem uma dimensão referencial.
- A abordagem bidimensional da linguagem permite distinguir e hierarquizar semiótica e semântica. Estas correspondem às duas unidades da linguagem, o signo e a frase. A linguagem deixa de se referir apenas a significados ideais, refere-se ao que é.
- Não há coincidência entre o par signos-frases e o par *langue-parole*, na medida em que a linguística estruturalista opõe a homogeneidade, a sistematicidade e o carácter sincrónico da *langue* à heterogeneidade, à individualidade e ao carácter diacrónico da *parole*.

GRUPO II

Item único	Desenvolvimento do tema	Cotação
Competências de compreensão, de aplicação, de análise e de avaliação	1. Relação do tema com o horizonte temático da obra	10 pontos
	2. Integração do tema na estrutura argumentativa da obra (relação com conceitos, teses, argumentos)	20 pontos
	3. Avaliação do modo como o autor trata o tema na obra	10 pontos
	4. Autonomia na elaboração da resposta (não se limita a reproduzir conhecimentos genéricos, revela reflexão sobre os conteúdos)	10 pontos
	5. Utilização do vocabulário específico da obra	06 pontos
Competências formais	6. Adequação do plano organizador à resposta	10 pontos
	7. Organização do discurso (ordem, coerência)	15 pontos
	8. Expressão escrita (sintaxe, ortografia)	09 pontos

Total do Grupo II 90 pontos

Tópicos de conteúdo

DA NATUREZA, Parménides

Tema: Verdade e aparência

- Verdade e aparência correspondem a duas vias de investigação susceptíveis de serem percorridas pelo homem.
- A via da verdade é a via de acesso ao ser, por meio da razão. A via da verdade revela que o ser é aquilo que é, uno, imutável, ingénito e infinito. O não-ser não existe, não pode ser dito nem pensado. Por isso, o ser não pode provir do não-ser nem dar-lhe origem.
- As aparências afastam o homem da via da verdade, pois são produto da opinião, que apenas percebe a multiplicidade sensível, o movimento, o devir, a geração e a corrupção. Qualquer representação que derive delas e dos dados dos sentidos é meramente enganadora.
- Enquanto a via da verdade é trilhada pelo filósofo, a via da aparência é a via dos comuns mortais que «vagueiam, com duas cabeças», que confundem ser e não-ser e crêem que um se pode transformar no outro.
- Só há uma autêntica via de investigação, a da verdade, a que reconhece a permanência, a eternidade e a unidade do ser e que afirma a identidade do ser, do pensar e do dizer.

V.S.F.F.

114/C/11

GÓRGIAS, Platão

Tema: Poder e palavra

- O conhecimento que o filósofo tem da Verdade garante que a sua acção é sempre virtuosa e que não colocará o poder acima do Bem nem a palavra ao serviço do mal.
- O verdadeiro poder, segundo Sócrates, não é o domínio sobre os outros nem a acumulação de riquezas ou honrarias, mas, sim, o aperfeiçoamento dos outros homens e a criação de uma cidade justa, governada pela razão.
- Se posta ao serviço da filosofia, a palavra será usada para fins justos e visará a promoção do bem e da virtude.
- Se posta ao serviço da retórica, a palavra pode ser usada para fins injustos e será uma forma de o orador parecer mais sábio do que os sábios, sem precisar de conhecimento verdadeiro, mas apenas de técnicas de persuasão.
- O uso retórico da palavra tem por fundamento a aparência de saber, pelo que apenas permite convencer uma multidão de ignorantes. O objectivo do poder exercido pelos oradores não é tornar os outros homens melhores, mas dominá-los.

FÉDON, Platão

Tema: Razão e saber

- O saber é a contemplação da verdadeira realidade, que são as ideias ou Formas.
- O saber alcança-se pelo exercício da razão e pressupõe a congenialidade entre a alma e as ideias.
- Despertada pelas similitudes entre o mundo material e as ideias que um dia contemplou, a alma empreende a ascensão ao mundo inteligível. Conhecer é recordar.
- Essa ascese é possível se a alma se libertar do corpo e dos seus prazeres, fazendo um esforço de racionalização mediante o qual irá, de degrau em degrau, até ao conhecimento da causa de tudo o que existe, que é a ideia de Bem.
- Até à morte do corpo, a alma racional deverá praticar a virtude e exercitar-se no conhecimento racional.
- A morte do corpo representa a libertação da alma e a possibilidade de ela ir para o Além, reunindo-se novamente às Formas e alcançando a sabedoria e a felicidade plenas.

CATEGORIAS, Aristóteles

Tema: Predicação e inerência

- A predicação é a relação entre as coisas e aquilo que pode ser dito ou predicado delas.
- A predicação permite distinguir o individual do universal, uma vez que as coisas ditas de um sujeito são sempre universais. No entanto, o sujeito de que são ditas tanto pode ser universal, no caso do género e da espécie, como individual, no caso da substância primeira. Os géneros máximos (ou categorias) nunca podem ser sujeitos de predicação, os indivíduos nunca podem ser predicados.
- A inerência é a relação entre as coisas e aquilo que existe nelas, «não como uma sua parte e que não pode existir separadamente daquilo em que existe».
- A inerência permite distinguir as substâncias dos acidentes, uma vez que só estes podem existir num sujeito. As substâncias não inerem em nenhum sujeito: as substâncias primeiras existem por si mesmas; as substâncias segundas dizem-se, ou predicam-se, das primeiras.

O MESTRE, Santo Agostinho

Tema: Significação e comunicação

- Todas as palavras, independentemente da sua classe morfológica e segundo a ordem racional da linguagem, são nomes e, nessa medida, significam algo.

- A comunicação só é possível pelo facto de as palavras, segundo o seu uso corrente, significarem habitualmente algo distinto de si.
- Para conhecermos as palavras como sinais, temos de conhecer previamente as coisas de que elas são sinais.
- As palavras possuem um estatuto inferior ao das próprias coisas, e o que a comunicação através delas permite é rememorar e estimular a vontade de aprender, a pesquisa sobre as coisas e a busca da Verdade no «homem interior».

PROSLOGION, Santo Anselmo

Tema: A natureza de Deus

- Deus é o ser *maior do que o qual nada se pode pensar*: é irredutível à razão, pois, se esta o pudesse abranger, ele não seria absoluto. Por conseguinte, todos os atributos de Deus também devem ser *maiores do que se possa pensar* e, por outro lado, todas as coisas existem nele – «nada te contém, mas Tu contém todas as coisas».
- Em geral, Deus é «tudo aquilo quanto é melhor ser do que não ser». É uma realidade suprema, existente por si só, criadora a partir do nada e bem supremo, pois «tudo quanto não é isto é menor do que se pode pensar».
- Os atributos de Deus identificam-se com o ser e formam uma unidade simples. Deus é simplicidade, pois nele não há partes, ele é a unidade de todas as perfeições.
- A existência de Deus não é uma propriedade que ele possua, mas uma realidade anterior a qualquer das suas propriedades. Deus é cronológica e ontologicamente anterior e ulterior a todas as coisas.

O ENTE E A ESSÊNCIA, São Tomás de Aquino

Tema: Hierarquia das substâncias criadas

- Quanto à sua perfeição, as substâncias estão ordenadas hierarquicamente, segundo a diferença de proporção de potência e de acto. Esta hierarquia é real e não apenas conceptual.
- Deus é o único ser que é Acto puro, no qual essência e existência coincidem, pelo que exclui toda a potencialidade. A perfeição de Deus é absoluta, residindo no seu próprio existir. Nada lhe pode ser adicionado.
- As substâncias criadas estão em potência em relação a Deus, dele recebem a existência, que nelas é acto: são finitas e contingentes.
- Entre as substâncias criadas, as substâncias intelectivas são as que possuem um grau de perfeição superior, porque não contêm matéria e são mais acto do que potência. A alma humana, por ser a forma de um corpo, ocupa a posição inferior entre as substâncias intelectivas. As substâncias materiais, compostas de matéria e forma, possuem o menor grau de perfeição.

RECONDUÇÃO DAS CIÊNCIAS À TEOLOGIA, São Boaventura

Tema: As ciências e a teologia

- Deus é a fonte de todo o conhecimento humano e a sua sabedoria é multiforme. Todo o conhecimento humano reconduz a Deus e à teologia, sem os quais seria inútil. O conhecimento e a existência humana visam uma rectidão regulada pela sabedoria divina.
- As ciências, ou luzes, possuem uma parcela da luz suprema da teologia e perfazem uma unidade, constituída por quatro ciências: as artes mecânicas (luz exterior), o conhecimento sensitivo (luz inferior), o conhecimento filosófico (luz interior) e o conhecimento da graça e da Sagrada Escritura (luz superior).

- Todas as ciências manifestam de forma simbólica as três verdades fundamentais relativas à teologia: «a geração eterna de Cristo e a sua encarnação temporal, a regra de viver e a união de Deus e da alma».
- O conhecimento perfaz um círculo, que deriva de Deus e a Ele reconduz. As ciências formam uma hierarquia que, em si mesma, reflecte a Trindade, estando orientadas para a teologia e para o conhecimento da Sagrada Escritura.
- Deus é causa exemplar de todas as coisas. Tudo o que existe são símiles do Ser; o próprio conhecimento é possível graças a uma similitude entre os órgãos do conhecimento e o objecto a que se aplicam.